



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO – UNIRIO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

A Educação em Nietzsche: a prática das artes nos estabelecimentos de ensino.

Daniele Bentin Mendonça.

Rio de Janeiro

2009

Daniele Bentin Mendonça.

A Educação em Nietzsche: a prática das artes nos estabelecimentos de ensino.

Trabalho de conclusão de curso apresentado à Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro como requisito parcial para obtenção do Grau de Bacharelado e Licenciatura em Pedagogia.

Prof. Dr. Miguel Angel de Barrenechea – Professor Orientador.
Departamento de Filosofia e Ciências da Educação – CCH.



Rio de Janeiro

2009

Dedico este trabalho a minha família e aos três homens mais importantes para mim neste momento: ao meu mestre, Miguel Angel, a luz nos caminhos dos escritos e labirintos dos pensamentos de Nietzsche; ao meu mentor e amigo fiel, Fábio Matheus, a fé forte e constante em minha capacidade ativa e inteligência incomparável; e ao meu namorado e companheiro, Felipe Henrique, a serenidade nas ações e certeza inabalável de vitória.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço à Deus, por iluminar meus estudos e clarear meus caminhos dentro da universidade. Por manter sadios os meus pensamentos e meu corpo durante todo o processo de fecundação da idéia, pesquisa, elaboração e finalização deste trabalho. Sem fé nem perseverança não seria possível concluir com êxito meu curso de Pedagogia.

Meu imenso carinho e gratidão a minha família, base de minha vida, provedora de meu sustento, valores e afetos. Meu pai, Alberico, por não permitir que eu desistisse deste curso e desta instituição pública. Minha mãe, Eliane, pelas caronas até a estação do metrô, pelas jantãs prontas às onze horas da noite, pelas noites em claro compartilhadas, por ouvir minhas teorias e admirá-las, por mais absurdas que pudessem lhe parecer. E meu querido irmão, Frederico, por permitir minhas “invasões” em seu computador nos momentos precisos e por ser um ótimo companheiro nas horas de descontração e lazer.

Agradeço a paciência, a cumplicidade, a compreensão e o amor de meu namorado, Felipe Henrique, que por incontáveis vezes me levou e me buscou na faculdade, ouviu meus desabafos, aturou meu humor inconstante, emprestou seu notebook, sem nunca deixar de dizer: *“Calma amor, vai dar tudo certo. Eu te amo!”*

Não posso deixar de agradecer aos meus amigos e amigas de longa data, de meu antigo colégio, todos que fazem parte da Escola de Dança Margareth Monteiro, colegas da UNIRIO e UFRJ, às pessoas que pela minha vida passaram e, por alguma razão, não estão presentes hoje. Todos foram importantes espectadores e incentivadores durante meu crescimento profissional e acadêmico.

O meu *“muito obrigada!”* as minhas irmãs, Camila, Nathália, Marya Luiza e Débora, ao meu grande amigo Diego Cruz, a Tia Denise, a minha preciosa Thatá, aos amigos Márcio e Álvaro, a minha prima Roberta, as minhas alunas do Projeto Social Dança para Todos, por serem meus maiores fãs no palco, proporcionando, assim, aquela “injeção” de ânimo que tanto necessitei nesta reta final.

Um agradecimento mais que especial ao meu mestre de ballet, Fábio Matheus. Obrigada por suas broncas, puxões de orelha, caras feias, reclamações, mas, acima de

tudo, por suas palavras, por sua fé em mim, por seu colo de “pai”, pelas aulas, por me ensinar esta arte tão sublime, despertando em mim esta paixão incondicional pelo ballet clássico e enorme vontade de elaborar meu trabalho de conclusão de curso baseado nesta forma de manifestação artística.

Sou verdadeiramente grata ao meu professor Miguel Angel, por oferecer, no ano de 2007, a disciplina optativa sobre o filósofo alemão Friedrich Nietzsche, proporcionando meu primeiro contato com seus pensamentos. Sua simpatia e admiração por este filósofo me encantam até hoje. Suas orientações e seu vasto conhecimento sobre o assunto foram de grande valia no processo de desenvolvimento deste importante trabalho.

E, por fim, agradeço a Nietzsche, pelo seu legado, por seus escritos, pensamentos e ensinamentos, por sua ligação com a arte e olhar atento aos modelos de educação de sua época. Sem suas contribuições não seria possível embasar teoricamente minhas idéias acerca das práticas educativas pela arte.

Obrigada a todos que, mesmo que de uma forma simples, tímida ou pequena, puderam colaborar para meu sucesso neste final do curso de Pedagogia na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro.

“Preste bem atenção, meus amigos, disse ele, há duas coisas que não se deve confundir. Para viver, para travar sua luta pela existência, o homem deve aprender muito, mas tudo o que ele, enquanto indivíduo, aprende e faz com este desígnio nada tem a ver com a cultura. Ao contrário, esta só tem início numa atmosfera que está muito acima deste mundo das necessidades, da luta pela existência, da miséria.”

Friedrich Nietzsche – filósofo alemão.

RESUMO:

Baseado nos *Escritos de Nietzsche* sobre Educação, este trabalho reflete criticamente sobre a realidade dos estabelecimentos de ensino e sobre a atuação dos profissionais dessas Instituições. Também é analisado o ideal de educador, conforme a interpretação do filósofo alemão, discutindo como este mestre propicia ao discente o cultivo da verdadeira cultura. É apresentada uma alternativa à educação bancária, pautada numa cultura popular que favorece o desenvolvimento de homens singulares. Esta proposta, segundo este trabalho, encontra na dança uma das suas expressões mais relevantes.

Palavras-chaves: Nietzsche e educação, cultura autêntica, jornalismo, educador filosófico, metafísica da arte, dança.

SUMÁRIO:

Introdução.....	08
Capítulo 1: Os Estabelecimentos de Ensino hoje.....	12
Capítulo 2: O Educador para Nietzsche – Arthur Schopenhauer.....	21
Capítulo 3: Por um olhar artístico – A educação através da dança.....	25
Conclusão.....	34
Referências Bibliográficas.....	37

INTRODUÇÃO:

Tomando como base os escritos de Nietzsche sobre educação, especificamente os elaborados na primeira fase de sua obra, pretendo esclarecer sua proposta para o desenvolvimento da cultura – verdadeira cultura/cultura filosófica¹ - nos estabelecimentos de ensino, analisando, especificamente, a prática da dança na concepção do filósofo alemão. Assim, esta monografia abordará o tema “A Educação em Nietzsche – o ensino das artes nos estabelecimentos de ensino”. Minha proposta será analisar, a partir dos textos da bibliografia primária e secundária, o ensino da educação nos estabelecimentos de ensino de hoje, considerando a prática da dança como um dos meios mais adequados para se alcançar uma educação plena, para se apropriar e afirmar a cultura como base formadora do homem, desenvolvendo as suas diversas capacidades: intelectuais, corporais, artísticas.

Inicialmente, abordarei a crítica de Nietzsche ao *jornalismo*² que invade a educação – tendência à superficialidade, banalidade – amplificador e redutor da cultura, é interpretada pelo autor como pseudo-cultura. Esta banalização ou *barbárie*³ que dominava a Alemanha do Século XIX, acaba por enfraquecer a verdadeira cultura, sendo esta dinâmica reproduzida hoje nos estabelecimentos de ensino, que pautam seus conteúdos em abstrações desvinculadas da vida, a fim de tornar corrente⁴ o indivíduo conforme uma lógica uniformizadora. Procurarei analisar como Nietzsche, partindo da valorização de Schopenhauer como educador, postula uma forma de educar que priorize a natureza humana, que, através das artes, possa cultivar o homem tal como ele é, um milagre único⁵. Por fim, irei analisar a prática da dança como um caminho que oportuniza a vivência de uma cultura que não esteja baseada na erudição, como uma possível proposta de novos rumos para o nosso ensino nas instituições educacionais atuais.

¹ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.14,15).

² NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.09) – Uma cultura jornalística que invade a educação; ou seja, abandono do ensino da reflexão filosófica.

³ Nietzsche interpreta a barbárie como um movimento de banalização da cultura popular. A massificação do que tem valor para a vida do homem moderno em prol do que tem valor para o mercado capitalista.

⁴ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p. 62).

⁵ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.138)

Em resumo, meu objetivo principal é desenvolver um trabalho que propicie uma visão mais clara da função das artes, mais especificamente a dança, e sua relevância na educação. É importante, diante de uma educação abstrata e afastada das questões concretas da vida, postular práticas criativas.

Diante daquilo que Nietzsche denomina “erudição microscópica”⁶, o movimento de extensão e redução da cultura, já apontada por ele no seu tempo, e que nos deparamos diversas vezes nos estabelecimentos de ensino de hoje, vemos a necessidade de se compreender a prática educativa através da arte, especificamente da dança, como forma de fomentar o desenvolvimento da verdadeira cultura.

Na modernidade, com o homem se tornando uma “moeda corrente”⁷, peça chave na reprodução da lógica do mercado capitalista e joguete da barbárie⁸ - banalização do cotidiano do homem, exaltação de valores capitalistas, massificação de questões culturais, redução do valor da cultura, ampliação das superficialidades mundanas - desta pseudo-cultura, mais aleatória, que se configura a frente de nossos olhos por conta dos pseudo-eruditos (meros *jornalistas* do pensar; especialistas desvinculados das questões da existência concreta), se torna cada vez mais difícil o amadurecimento de um “gênio”⁹, que é aquele que surge do seio materno da cultura de um povo. Num sentido mais amplo, o espírito autêntico do artista é capaz de libertar o homem moderno das tendências negativas da própria modernidade¹⁰. Ele experimenta “inconscientemente a unidade metafísica de todas as coisas na grande metáfora da natureza”¹¹. Esse indivíduo cria novas formas de pensar, propondo ideias que exprimem a vida. O gênio é, então, um indivíduo contemplativo, capaz de criações eternas, caracterizado por uma obediência e habituação à disciplina¹².

⁶ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003 p.15).

⁷ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.62) – Cultivar homens tão “correntes” quanto possíveis; no sentido efetivo de moeda corrente, que passa de “mão-em-mão”.

⁸ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.62)

⁹ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.90).

¹⁰ Espírito mercantil, superficialidade, massificação, exaltação do quantitativo, de necessidades mercadológicas em detrimento de uma cultura ampla, universal.

¹¹ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.105)

¹² NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.117 e 118).

A criação de estabelecimentos de cultura, de instituições que propiciem uma possibilidade de convivência com os “homens raros”¹³ conforme a interpretação de Nietzsche, que possuem uma cultura autêntica, muitos deles vinculados às artes, permitirá aos estudantes em geral o contato com verdadeiros educadores – libertadores – assumindo assim, a responsabilidade de sua própria existência – fim metafísico da natureza¹⁴ – propiciando a audácia e a honestidade que caracteriza todo artista.

No panorama cultural da modernidade, a dança poderia ser interpretada como fundamental na proposta educativa de Nietzsche, já que se apresenta como uma dinâmica que acompanha o devir da vida, como produtora de movimento, de formas permanentemente renovadas. Ela torna-se uma genuína afirmação da vida, pois dançando “se aniquila e se constrói”¹⁵, isto é, elimina-se as formas caducas, oportunizando novas criações. Segundo Nietzsche, a dança traz leveza, ataca a gravidade dos valores já cristalizados e combate o peso do ressentimento¹⁶. Com a dança é questionada toda uma visão de mundo; ela põe a balançar a certeza do imutável.

A partir dessas considerações, vemos a importância de combater a “barbárie” cultural, para propormos alternativas aos decadentes estabelecimentos de ensino que ainda abundam nos nossos dias, cuja proposta não é fomentar o avanço da cultura, mas propiciar a erudição abstrata, o “jornalismo” na educação. Como alternativa a esta tendência, Nietzsche propõe a filosofia dionisíaca¹⁷ do eternamente criar-a-si-próprio e do eternamente destruir-a-si-próprio – e a dança se constitui neste mundo dionisíaco.

Em resumo, neste trabalho pretendo refletir sobre a interpretação nietzschiana da educação, partindo da sua crítica aos estabelecimento de ensino de sua época.

¹³ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.118)

¹⁴ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.180)

¹⁵ MARTON. *Só acreditaria num deus que soubesse dançar* (2000, p.151).

¹⁶ Nietzsche analisa, em a *Genealogia da Moral*, I Dissertação, “Bom e mau”, “Bom e ruim”, como os ressentidos são indivíduos incapazes de criar e se ressentem contra aqueles que são fortes, contra os genuínos criadores.

¹⁷ MARTON. *Só acreditaria num deus que soubesse dançar* (2000). O Dionisíaco - A arte dionisíaca transmite o exagero da natureza, capaz de levar o homem à verdade. Possibilita superar a divisão. Promove a desintegração do eu, abolindo totalmente a subjetividade até o esquecimento de si. Exultante na alegria, mas também intensa no sofrimento e no conhecimento. Em CAVALCANTI, *Arte como experiência: a tragédia antiga segundo a interpretação de Nietzsche*(2006), a autora caracteriza o estado dionisíaco como um estado de metamorfoses e visões. Nele ocorre um distanciamento em relação a si próprio, correspondendo ao estado de embriaguez, rompendo os laços com a identidade e a consciência.

Posteriormente, analisarei a sua concepção de mestre modelar, encarnado na figura de Schopenhauer, entendido como um *docente superior*, mentor de indivíduos autônomos e criativos. Finalmente, focarei a importância da arte na visão pedagógica nietzschiana, destacando a relevância da dança como acabada expressão estética, como modelo de um aprendizado que liberta todas as potencialidades criativas do discente. Vejamos, como corolário desta introdução, a visão nietzschiana do labor do artista, visão que estará no âmago das ideias que orientam esta monografia.

Somente os artistas detestam este andar negligente, com passos contados, com modos emprestados e opiniões postizas, e revelam o segredo, a má-consciência da cada um, o princípio segundo o qual todo homem é um milagre irrepitível; somente eles se atrevem nos mostrar o homem tal como ele propriamente é e tal como ele é único e original em cada movimento de seus músculos, e mais ainda, que ele é belo e digno de consideração segundo a estrita coerência de sua unidade, que ele é novo e incrível como todas as obras da natureza e de maneira nenhuma tedioso.¹⁸

1. Os Estabelecimentos de Ensino hoje.

Nietzsche aponta os vários obstáculos que a 'cultura utilitária' da sua época antepunha à 'autêntica cultura'. Em primeiro lugar, o 'egoísmo dos negociantes' [...]. Em segundo lugar, o 'egoísmo do Estado' [...]. Finalmente, o 'egoísmo da ciência' dos 'servidores da verdade' [...].¹⁹

A discussão que Nietzsche desenvolve nos seus textos sobre educação, compilado na edição brasileira como *Escritos sobre Educação* nos ajuda a compreender de sua época. Ponderações que posteriormente poderão ser ampliadas as instituições escolares dos nossos dias. Assim, poderemos constatar que aquilo que o filósofo alemão antes observava nas escolas e universidades de seu tempo, ainda é realidade para nós. Educa-se para exercer uma profissão, o que é um sintoma claro do espírito utilitário. Esse espírito se revela na exigência de progredir e fazer carreira rapidamente, sem importar-se pela qualidade dos conteúdos aprendidos e pela formação integral dos discentes.

Existe, ainda hoje, uma carência de instituições realmente preocupadas com a cultura, já que os estabelecimentos de ensino tendem à *extensão*²⁰, isto é, a expansão excessiva do número de estabelecimentos de ensino, assim como de docentes mal preparados para a docência. Correlativamente, isso leva à *redução*²¹ da cultura, minimizando os conteúdos transmitidos, para que sejam compreendidos por "todo mundo", obedecendo à lógica de uma expansão quantitativa própria do mundo capital.

Assim, entendemos por extensão e ampliação máxima da cultura, conforme a análise de Nietzsche, uma tendência ao exagero, à generalização e banalização da cultura. Procura-se o máximo de conhecimento e cultura possível (banalizados, simplificados), assim como de produção e necessidades possíveis. Isto significa que o objetivo da cultura é a utilidade, o lucro, pois a humanidade vive em busca da felicidade e somente por esta razão a cultura é necessária. Esta universalização e massificação da cultura, trouxe como consequência, a banalização, o empobrecimento da mesma, a redução ao mínimo de seus conteúdos.

¹⁹

NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.20).

²⁰

Extensão da cultura, conforme Nietzsche, é ampliar ao extremo o conhecimento, vulgarizando os conteúdos para obter lucro imediato; esse processo de generalização deixa de lado o que é próprio de cada povo em prol da lucratividade e do atendimento a rápida demanda do capitalismo.

²¹

Redução da cultura, conforme Nietzsche, é o movimento de banalizar e reduzir ao menor valor elementos essenciais e concretos de vida do ser humano.

Já a tendência à redução, ou seja, ao enfraquecimento desta cultura, apresenta um movimento contrário, porém tão negativo quanto o da ampliação. A tendência à redução da cultura, reduz a verdadeira cultura a algo banal, pois não há mérito no que não se liga ao lucro, à lógica capitalista, ao que é “útil” (ou seja, aquilo que surge da lógica do capital e serve ao próprio capital independente daquilo que seria fundamental para desenvolver as funções mais vitais do ser humano). Na ótica dos modernos, valorizar algo sem um objetivo utilitário, trazer à tona valores ligados à *língua materna*²², é visto como inutilidade, como algo fora do sistema, que estaria desvinculado de uma carreira que dê ao indivíduo status e lucratividade, que ficaria fora dos supremos interesses do Estado. Exige-se que o homem abandone suas ambições mais nobres e sublimes e se ponha humildemente a serviço da produção. O especialista que é formado nos moldes da lucratividade capitalista, está totalmente afastado da verdadeira cultura, trata-se de um representante da barbárie que toma conta de todos os estabelecimentos de ensino. Essa tendência desenvolve o “espírito utilitário”²³ de cada cidadão ao orientá-lo para uma profissão, descuidando totalmente o desenvolvimento de outros aspectos da sua personalidade.

Portanto, Nietzsche afirma que os estabelecimentos de ensino fazem progredir cada discente até tornarem-se um “ser corrente”²⁴, ou seja, a verdadeira tarefa dessa cultura é formar homens que circulem no mercado de trabalho como moedas. Diante desta barbárie que se apossa da cultura, desta banalização dos valores e deturpação do ser humano, chega-se a repudiar toda cultura que proponha outros fins para além do dinheiro e do ganho imediatos. A tendência mercantil da educação prega uma cultura “tão universal quanto possível”²⁵. Em resumo, a extensão da cultura, e sua conseqüente banalização, dá aos educandos massificados a impressão de alcançar a tão almejada felicidade terrena.

Por outro lado, o aniquilamento da genuína cultura (vinculada à arte, à Filosofia, à criação), sua redução ao máximo proposta e praticada pelos eruditos especializados, domina os corredores dos estabelecimentos de ensino, defendendo a “fidelidade nas pequenas coisas”²⁶. O processo de especialização, de delimitação

²² NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, P.69). Severo ensino lingüístico em combate ao alemão jornalístico da época.

²³ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.62)

²⁵ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.62)

²⁶ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.64). Nietzsche se vale desta expressão ao estabelecer uma crítica aos eruditos dos estabelecimentos de ensino que se vangloriam por seu

da ciência em compartimentos estanques, impede reconhecer que há cultura fora dos limites de cada ciência, de cada disciplina ou área de conhecimento. Nesse sentido, podemos comparar os eruditos aos operários de fábricas, que se condicionam a operar um determinado tipo de equipamento ou a executar determinada tarefa, sendo esses “sábios” leigos no que diz respeito a efetuar qualquer outro tipo de atividade diferente da que está “adestrado” a fazer.

Assim, nesta concepção de cultura superficial, mercantil, desta cultura universalizada mas reduzida aos mínimos conteúdos, enfim, deste processo de redução/ampliação da verdadeira cultura, tudo leva ao jornalismo²⁷. Em outras palavras, na educação, e na cultura como um todo, da modernidade, vemos a confluência das duas tendências, ampliação e redução, que impõe a banalização de todas as questões gerais de natureza séria e a rejeição a abordar os problemas filosóficos mais elevados. Desse modo, o jornalista toma o lugar do grande gênio, aprisionando-nos nas questões do momento *atual* – nas discussões da moda, inserindo-nos nesta pseudo-cultura, esmagando qualquer atitude de verdadeira prática da cultura; “[...] cada um desejará libertar pelo menos seus herdeiros desta opressão, ainda que ele próprio deva ser sacrificado.”²⁸

Segundo Nietzsche, para se romper com a pobreza de espírito pedagógico e propiciar a renovação do ginásio na modernidade, deve-se valorizar e cultivar o sentimento de um dever sagrado para com a língua materna²⁹. No caso da análise de Nietzsche, ele propõe o ensino da língua alemã como o germe para propiciar uma cultura superior. O autor alemão sustenta que se deve desenvolver um sentimento artístico ao estudar os clássicos da própria língua. Na sua proposta, deve-se prevalecer o sentimento artístico, encontrando nas letras significados relevantes para traduzir a vida, a essência da língua através do estudo de grandes autores, de verdadeiros gênios³⁰ que atuaram para e pela cultura autêntica.

distanciamento cada vez maior da verdadeira cultura, julgando a falta de conhecimento fora dos limites de sua disciplinas como sinal positivo para seu status.

²⁷ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.65). O jornal substitui a cultura e o jornalista toma o lugar do grande gênio.

²⁸ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.67).

²⁹ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.69)

³⁰ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003) – Nietzsche desenvolve este conceito ao longo de suas discussões nas cinco Conferências sobre os Estabelecimentos de Ensino de sua época na Alemanha. Para ele, gênio é o homem que se embriaga da essência de sua cultura popular, se entusiasma verdadeiramente com os estudos de clássicos antigos e de sua língua mãe. O gênio surge no seio da autêntica cultura a fim de libertar o homem moderno.

O que ocorre hoje nos estabelecimentos de ensino da modernidade é uma erudição na qual a língua materna é tratada como uma língua morta. O contrário deveria acontecer: seria fundamental para a cultura tratar o vivo como vivo e o verdadeiro mestre oportuniza esta experiência aos alunos. Isto se vivencia ao fazer arte, tudo é re-significado, tudo exige um esforço redobrado para dar novos sentidos ao aparentemente já consolidado. Assim, a cultura começa com um caminhar correto da língua, assim como uma marcha³¹, segura e forte, que ao se aprender se teme fazê-la de modo grosseiro e inepto, mas ao perceber seus movimentos se adote um novo hábito, uma segunda natureza, até acompanhada de um certo garbo.

Vejamos, na concepção nietzschiana da educação e da cultura, a importância da metáfora da marcha. Para ele, a cultura verdadeira e autêntica é, acima de tudo, obediência e hábito. Estas exigências são fundamentais, por exemplo, na realização de toda disciplina artística. O artista necessita dedicar-se ao seu fazer, à sua disciplina, com rigor e cuidado que são primordiais para o aprimoramento de sua técnica e para vencer novos desafios. Nesse sentido, vemos as razões do apelo de Nietzsche ao afirmar ser de suma importância o estudo dos clássicos da língua alemã. Os clássicos evidenciam claramente a seriedade e o rigor artístico, crescem com o cultivo diferencial da forma e se afastam da barbárie – avesso à elegância do estilo, tão estimada pelos que movimentam a indústria do jornalismo na educação, dominado pelas premências do mercado.

Por isso a preocupação de Nietzsche em reformular o ginásio, pois seu viés científico está distante da Antiguidade. Ele se transformou em um viveiro das ciências, ao invés de ser o lugar consagrado a toda cultura nobre e superior. E o erudito corrompido desses estabelecimentos se torna um "jornalista" inserido nesta lógica da cultura "bárbara", negando o próprio espírito nacional. Da escola esperamos que um dia a cultura clássica possa lá encontrar seu solo natural, seu ponto de partida³². Mas para isso temos que restringir também o número excessivo de pessoas sem vocação no ensino.

Para alcançar realmente o desenvolvimento de uma cultura genuína, a natureza destinou um número restrito de homens e para isso só poderíamos contar com um número ainda menor de estabelecimentos de ensino superiores. Portanto devemos olhar com prudência os que falam sobre a formação do povo. Um número

³¹ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.77)

³² NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.83)

muito grande de estabelecimentos de ensino surgiram nos nossos dias (aqui frisamos a semelhança do processo educacional focado por Nietzsche com a docência atual), bem como um grupo grande de pessoas, nesses estabelecimentos, que não têm vocação, procurando validar o discurso da educação igual para todos, suprir a carência dos que hoje se sentem menos favorecidos.

Uma finalidade essencial da educação deve ser propiciar a cultura de indivíduos selecionados – grandes heróis³³ que ficarão na memória -, pois cultura de massa³⁴ é estritamente diferente de cultura popular. Esta última é o oposto da cultura cultivada pelas ações obrigatórias e criadoras. Na cultura popular nos aproximamos do que podemos caracterizar como vertentes formadoras de um povo: seus instintos religiosos, suas imagens míticas, sua fidelidade aos costumes, ao seu direito, sua pátria, sua língua. Daí a necessidade de se enfatizar o estudo profundo da língua materna, da raiz primeira de um povo. O jornalismo na educação prega a cultura de massas, para as massas, deseja ampliar ao máximo a cultura que perde o que é natural do povo. O gênio, gerado das forças culturais mais elevadas e nobres, se alimenta e amadurece no seio materno da cultura de um povo. Como uma mãe, a cultura irá criar o gênio, porém este não depende propriamente dele para poder nascer verdadeiramente; dela ele só necessita de cuidado, proteção e acalanto, para abrir suas asas e alçar seu voo às alturas da criação. Já os filólogos³⁵, - muito criticados por Nietzsche que foi filólogo de formação - como a maior parte dos professores de nossos ginásios, se relacionam com este meio de forma estritamente profissional, tentam re-erguer a antiguidade clássica sem êxito, banalizando-a ainda mais, nessa tentativa. Assim se faz a cultura elegante da época, segundo o questionamento de Nietzsche: ouvidos tapados, surdos e fechados para a verdadeira cultura.

O Estado trata a cultura como empregada de suas exigências e interesses nos estabelecimentos de ensino. Este como mistagogo³⁶ da cultura universalizada alcança sua apoteose na submissão de todos. Ao contrário dos gregos que tinham

³³ Nas análises de Nietzsche, estes heróis são indivíduos que se destacam pelo seu apreço e dedicação ao desenvolvimento da cultura. Homens que serão lembrados por seus feitos e colaborações à humanidade, sem intenção de fama ou status.

³⁴ Cultura que obedece a ordem das classes mais abastadas da sociedade. Esta se diferencia da cultura popular, pois não caracteriza um povo, mas promove a banalização dos valores vitais do ser humano e enaltece a superficialidade em defesa do "conhecimento para todos".

³⁵ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.94)

³⁶ <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=mistagogo>. (s. m. 1.iniciador nos mistérios religiosos; 2.fig. guia; 3.mentor)

pelo seu Estado uma certa admiração, que sem ele não se poderia desenvolver nenhum germe de cultura, pois esse Estado não era regulador, já que se manteve o máximo possível distante da atitude utilitária, pois sempre esteve a serviço da cultura:

O Estado não era para aquela cultura um guarda de fronteiras, um regulador, um superintendente, mas o companheiro de viagem, e o companheiro de andar vigoroso, forte, disposto ao combate, que escoltava através das rudes realidades o seu amigo mais nobre e, por assim dizer, quase divino pelo qual se tinha admiração e do qual ele recebia em troca o reconhecimento.³⁷

A cultura está acima do mundo das necessidades. A verdadeira cultura rejeita os interesses mesquinhos e os desejos imediatos. Essa não se desenvolve pelos indivíduos que dela tentam se apoderar para realizar seus desígnios egoístas. Este espírito autêntico da cultura é capaz, por sua arte, de libertar o homem moderno da própria modernidade, uma vez que a arte traduz a vida. Nietzsche nos chama a atenção para sua proposta; para ele a cultura, como guia da educação, não propõe aos discentes um posto de funcionário ou ganhos materiais no fim de sua trajetória.

O caminho da verdadeira cultura segue o fluxo da experiência inconsciente³⁸ da unidade metafísica de todas as coisas na grande metáfora da natureza. É preciso se reconhecer nos inúmeros fenômenos e elementos da natureza e não mais tentar vencê-la pela astúcia de um hábil cálculo ou algo parecido. A arte pode auxiliar neste caminhar, vivenciar uma aproximação e uma relação quase pessoal com ela. O homem verdadeiramente culto permanece fiel aos instintos e, portanto, compreende verdadeira e instintivamente a natureza, assim como o artista.

Conforme temos mostrado, Nietzsche afirma que faltam estabelecimentos de cultura. Ou nos deparamos com os desesperados e descontentes, ou com os partidários do que é denominado "realismo"³⁹ - busca uma dominação do real, de um total conhecimento do mesmo.

³⁷ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.99)

³⁸ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.105). Nietzsche explica esta experiência inconsciente da unidade metafísica com as inúmeras metáforas da natureza, como o desprender-se da visão do mundo natural que se tem e voltar este olhar para si como parte de cada movimento da natureza. Enxergar-se e reconhecer-se em cada elemento que se apresenta diante de nossos olhos no fluxo natural da vida.

³⁹ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.107)

Gênios, verdadeiros artistas, indivíduos contemplativos, capazes de criações eternas, estão no vértice da pirâmide intelectual⁴⁰. Estes têm a capacidade de andar sem muletas educacionais. Como um dançarino, são capazes de desligar-se das convenções impostas pelo Estado, ou de qualquer outro órgão controlador e se criam, se recriam no fluxo da natureza. O gênio caracteriza-se pela obediência e habituação à disciplina, pois não se atinge um objetivo sequer sem excitá-lo e fecundá-lo num ritual obediente e disciplinado, bem como o artista com sua arte, enriquecendo assim a cultura autêntica. Vemos aí a necessidade de se erguer instituições que abram a possibilidade de convivência com estes homens raros, os que possuem esta cultura autêntica.

O artista consegue viver o momento sem pensar em um objetivo, admirar. As experiências cotidianas são as mais admiráveis, instrutivas, decisivas. Esta vivência liberta o estudante dos estabelecimentos de ensino, este se torna autônomo. Autonomia esta diferente da que é pregada na Universidade. “Ele pode escolher o que quer ouvir, não precisa acreditar naquilo que ouve, pode tapar os ouvidos quando não queria ouvir. Eis o método de ensino ‘oral’”⁴¹. Nesse sistema não é permitido aos discentes qualquer intervenção. O aluno se liga ao estabelecimento de ensino pelo ouvido (apenas escuta), cabendo aí ao professor somente falar. Nietzsche ironiza a dita “liberdade acadêmica”⁴². Bocas que falam o que querem, os discentes que ouvem aquilo que lhes é imposto. E esta é a autonomia difundida nos estabelecimentos de ensino até hoje. Tão atual é esta discussão trazida por Nietzsche que percebemos no Estado um vigia atento, pois ele é o real objetivo e fim desta dinâmica, é para ele e por ele que funciona este sistema educacional. Esta cultura vai das bocas aos ouvidos e toda educação, neste sentido, é tratada como cultura e, orgulhosos, estes estabelecimentos se adornam com as mais belas pompas ao afirmar que a autonomia acontece sob as formas de uma “auto-educação acadêmica da cultura”⁴³.

Ocorre ainda, nos estabelecimentos de ensino hoje, o que o filósofo Nietzsche define como tratamento neutro da filosofia, imobilizando o instinto filosófico natural por meio da “cultura histórica”⁴⁴; ou seja, o que é irracional agora se torna o

⁴⁰ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.111)

⁴¹ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p. 125)

⁴² NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p. 126)

⁴³ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p. 126)

⁴⁴ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p. 128)

pensamento dominante e a cultura histórica domina totalmente ao considerar essa realidade como única e verdadeira explicação histórica. Portanto há uma aparente expulsão tanto da filosofia, como da arte, nos estabelecimentos de ensino. Logo uma aparente e inegável distância dos mesmos em relação às artes. Neles, nossos estudantes “autônomos”, vivem sem as duas: sem filosofia e sem arte. Não há mais qualquer relação com tendências culturais totalmente extintas. Se fundam aí, não mais cadeiras à serviço da verdadeira cultura, da filosofia, da arte, mas sim cadeiras de filologia, formando filólogos, comprovando que a Universidade, os estabelecimentos de ensino não são aquilo que desejam tão orgulhosos ser – uma instituição cultural⁴⁵. Vejamos a interpretação de Nietzsche sobre a educação de sua época:

[...] e ainda que tivesse reconhecido que o estudante de hoje não está apto para a filosofia, porque é mal preparado, privado de instinto artístico e que, diante dos Gregos, é um bárbaro imaginando que é livre, nem por isso vocês deveriam fugir horrorizados diante dele, mesmo quando quisessem evitar contatos mais estreitos com ele. Pois, tal como ele é ele é inocente [...]⁴⁶

Nos estabelecimentos de ensino de hoje, impede-se a autonomia de seres em idade cujas necessidades principais, os levam a buscar grandes guias. Ao invés de procurar conhecer a si próprio e mergulhar na natureza do vivo, como verdadeiro artista, como autêntico filósofo, o aluno caminha, desamparado de um mestre, rumo a dúvidas, desesperos, carências de vida, desregulando o curso natural da sua existência.

Um homem culturalmente extraviado é algo grave, rumo para a barbárie, apoia-se no jornalismo, torna-se um erudito desvirtuado, promovendo uma fuga de si próprio, aniquilado seu instinto cultural. “Nascestes para a cultura, mas foste educado pela incultura!”⁴⁷.

Nietzsche, nas discussões finais da Quinta Conferência sobre os estabelecimentos de ensino, reafirma a necessidade de se seguir com obediência e disciplina os grandes mestres, os verdadeiros guias, para o alcance da verdadeira cultura. Toda cultura nasce a partir da disciplina, do sentido de dever, com instrução, assim como a arte. E, também como na arte, os guias sentem a necessidade de

⁴⁵ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p. 130)

⁴⁶ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p. 130)

⁴⁷ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p. 132)

discípulos para conduzirem pelo caminho da autêntica cultura, também os que querem ser guiados almejam um verdadeiro mestre que os conduza. Ocorre aí uma procura mútua.

Porém, a cultura que domina na atualidade – assim como na época de Nietzsche - trabalha pela negação, destruição, corrompendo os guiados e humilhando os guias. Impede que os futuros discípulos encontrem seus mestres. “Mas, enfim, coloquem no meio desta massa um gênio, um verdadeiro gênio, conduzido pelas asas de sua fantasia – então, vocês observarão imediatamente algo de inacreditável.”⁴⁸

E por isso assinalamos que, conforme Nietzsche, é fundamental conduzir os discípulos pelos caminhos das artes, permiti-lhes viver a vida, integrar-se à natureza, responder a seus instintos, estar em constante movimento e mutação. O olhar do artista é livre dos vícios do desespero, da negação.

2. O Educador para Nietzsche – Arthur Schopenhauer.

Este educador filosófico com quem eu sonhava poderia, não se deve duvidar, não somente descobrir a força central, mas também impedir que ela agisse de maneira destrutiva com relação às outras forças; eu imaginava que sua tarefa educativa consistiria principalmente em transformar todo homem num sistema solar e planetário que me revelasse a vida, e em descobrir a lei de sua mecânica superior.⁴⁹

Após refletir sobre a dinâmica dos estabelecimentos de ensino na Alemanha de sua época e de discutir como neles não era possível o desenvolvimento da verdadeira cultura, Nietzsche apresenta o que, para ele, na sua própria existência (a leitura de *O mundo como vontade e representação* foi fundamental para o percurso teórico e vital de Nietzsche), poderia ser um modelo de educador que cultiva e propicia o despertar do gênio, assim como torna possível a cultura autêntica.

Em *Schopenhauer Educador*, Nietzsche afirma que a verdadeira essência do aprendiz está acima dele próprio e que os verdadeiros educadores têm a missão de serem seus libertadores. Devemos assumir a responsabilidade de nossa existência, e, para isso, o sentido e sentimento de liberdade deve guiar toda manifestação educativa que valorize a cultura. O educador filósofo, praticamente incomum na Modernidade, ensina-nos a sermos simples e honestos, no pensamento e na vida.

⁴⁸ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p. 137)

⁴⁹ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p. 143)

Ao contrário do filósofo das universidades, ele não nos impede de filosofar, ele nos educa contra o próprio tempo. Isto é, contra as tendências mediocrizantes da modernidade. Esse leva em consideração um mundo independente do Estado, o mundo da cultura. A tarefa deste mestre está em dominar o “interesse histórico” – somente conhecer; não agir. Na sua ótica, será essencial tratar o vivo como vivo, acolher os problemas vitais como essenciais numa cultura autêntica; é fundamental permitir ao aluno um domínio de ação convenientemente prático, isto é, vinculado às circunstâncias concretas da sua existência. Ao contrário, os eruditos das ciências pensam mais nas ciências do que na humanidade enviando a si próprios ao sacrifício e, por consequência, as gerações futuras. Diante desse panorama, surge a sensação, quase imperceptível, da necessidade de educadores morais, pois o homem moderno se encontra perdido e confuso, em meio a um cristianismo mentiroso e a um pensamento antigo confuso igualmente sem coragem.

Segundo Nietzsche, Schopenhauer carregava consigo esta *missão* de libertar o indivíduo da modernidade. Baseava seu viver na honestidade, na serenidade e constância. Honestidade, pois escrevia e falava como para si próprio, ou ainda, como um pai para um filho; não havia, nas suas palavras, pedantismo, nem retórica. Sem pompas, com flexibilidade e elegância francesa ele falava do que era profundo simplesmente, comovente. Mostrava-se sereno, porque o verdadeiro pensador torna-se alegre e sereno sempre, com segurança e simplicidade, com coragem, vigor e duro, como um vencedor. Ele impõe-se pelo pensamento. Na presença dele nos sentimos realmente humanos e naturais; ele se move e vive com autenticidade. É constante, pode-se concluir, por sua firmeza, coerência, que ele está isento de hesitação e medos. Seu exemplo era dado por sua vida real, assim como ensinavam os filósofos da Grécia Antiga.⁵⁰

O modelo de Schopenhauer como educador é caracterizado por sua falta de atenção aos grupos acadêmicos, por buscar independência do Estado e da sociedade; desprendido do fato de considerar a filosofia como uma “ciência pura”⁵¹. E, por assim ser, encontrava-se cercado por perigos oferecidos a homens excepcionais como ele, que vivem numa sociedade ligada à norma ordinária. Quando suas características estranhas são destruídas, eles se tornam melancólicos, ficam doentes e morrem. Schopenhauer viveu perigosamente. Asilado em sua

⁵⁰ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p. 147 e 150).

⁵¹ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.151).

filosofia impenetrável às tiranias mundanas, colocando a salvo sua liberdade no interior de si próprio, padeceu melancolia. E esta tristeza prolongada o torna vulcânico, saindo de seu abrigo com palavras, atos e semblante explosivos, destruindo a si mesmo⁵².

Outro perigo que estes homens extraordinários correm é o do “desespero da verdade”. Não suportando permanecer vivendo na dúvida, estes espíritos mais nobres externavam um ceticismo e um relativismo destruidores. Assim, Schopenhauer torna-se um guia através da dúvida, do ceticismo, da criticidade, para nos conduzir às “alturas da contemplação trágica”⁵³.

Por fim, estes homens conheciam em si os limites de seus dons, enchendo-se de nostalgia e melancolia – aí reside o terceiro perigo. Aspiram à santidade, à genialidade enquanto ser intelectual – raiz de toda verdadeira cultura.

Que Schopenhauer pudesse ser um modelo, isto permanece verdadeiro, apesar de todas estas cicatrizes e de todos estes defeitos. Poder-se-ia mesmo dizer que o que havia demais imperfeito e de demasiado humano no seu ser é precisamente o que mais nos aproxima dele, no sentido mais humano da palavra, pois o vemos como um ser sofredor e como um companheiro de sofrimento, e não mais somente imerso na elevação desdenhosa do gênio.⁵⁴

Portanto os perigos que assombravam Schopenhauer, assim como a qualquer outro ser capaz de nos libertar das amarras e pobreza da modernidade, eram o isolamento, destino de solidão; perder o sentido da verdade, pensamentos que seguem de bom grado o ambíguo caminho da dialética; e o endurecimento moral e intelectual – ele deixa de ser fecundo, de procriar.

Viver, para Nietzsche, de uma maneira geral, é estar em perigo. E, a educação deve, por fim, nos educar contra nosso tempo, reconhecendo que tempo é este. A educação, para uma cultura autêntica, deve primar pela seriedade da filosofia contra a “seriedade de um jornal”, que por sua pseudofilosofia, considera o problema da existência uma brincadeira. E o Estado considera que o mais sublime dom e dever do homem é servi-lo. “O homem culto degenerou até se tornar o maior inimigo da cultura.”⁵⁵

⁵² NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.154).

⁵³ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.156).

⁵⁴ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.159).

⁵⁵ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.166).

O ato de educar consiste em reconhecer e vivenciar a metafísica da natureza – e por esta razão ela própria sente necessidade do artista – para o conhecimento de si próprio. O homem verídico sente que sua atividade tem um sentido metafísico. O homem, encarnado na imagem de Schopenhauer, assume para si o sofrimento voluntário da verdade, o sofrimento que serve para a total transformação de seu ser. Por isso uma tarefa enorme se apresenta a ele, assim como à educação: destruir tudo o que pertence ao devir, oferecer-se em sacrifício de si mesmo para o conhecer.

[...] ser puro para consigo e para com seu bem pessoal, de uma serenidade admirável no que diz respeito ao conhecimento, ser cheio de fogo forte e devorador e estar bem longe da neutralidade fria e desprezível do pretensioso homem de ciência, muito acima de um contemplação tristonha e desagradável, oferecendo-se sempre ele próprio como a primeira vítima da verdade reconhecida e penetrada, no mais profundo da consciência, pelos sofrimentos que nascerão necessariamente da sua autenticidade.⁵⁶

Deixar de ser apenas um animal e desejar a vida com cegueira, passar a não mais enxergar a existência como absurda, espelhando a vida na sua significação metafísica. Este deve ser o homem capaz de educar os indivíduos de seu tempo, permitindo que nos lancemos para fora de nós, e para além do próprio tempo.

O ideal de Schopenhauer como educador, para Nietzsche, permite que identifiquemos, nas instituições mais importantes de nossas vidas, o que habitualmente nos subtrai de nossa autêntica tarefa, que não mais *entreguemos* nossa alma ao Estado e deixemos de lado o fardo jornalístico de uma cultura banal.

O guia necessita nos conduzir a fortalecer nosso sentido de recolhimento e reflexão, pois a natureza tem sérias exigências para os criadores.

Os homens verdadeiros, aqueles que não são mais animais, os filósofos, os artistas e os santos; logo que eles aparecem – e com este aparecimento – a natureza que jamais dá saltos dá seu único salto, e este é um salto de alegria, pois, pela primeira vez, ela percebe que chegou à sua finalidade, lá onde compreende que deve desaprender a procurar fins e onde foi colocada num posto muito alto no jogo da vida e do devir.⁵⁷

Na proposta de Schopenhauer, é fundamental trabalhar para a realização da natureza. Participar de uma poderosa comunidade não mais exercendo seus deveres isolado. Eis o pensamento fundamental da verdadeira cultura: "incentivar o

⁵⁶ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p. 172)

⁵⁷ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p. 179)

nascimento do filósofo, do artista e do santo em nós e fora de nós, e trabalhar assim para a realização da natureza.”⁵⁸

O homem moderno almeja um guia honesto, sereno e constante; genial, que o conduza a esta libertação pela natureza. A natureza, por sua vez, tem necessidade do artista para atingir seu *fim metafísico* – o conhecimento de si própria - pois os artistas vivem com esta audácia e honestidade presente no homem de Schopenhauer. A filosofia exige liberdade; e somente o espírito autêntico é capaz, por sua arte, de libertar o homem moderno da modernidade. Em resumo, na proposta pedagógica nietzschiana, Schopenhauer aparece como um mestre *superior*, um espírito elevado e independente, capaz de suscitar nos seus discípulos o mesmo espírito de autonomia, de criação, de liberdade dos mecanismos redutores da sua época. O verdadeiro mestre mostra caminhos possíveis para além das imposições da academia, do mercado, do Estado.

3. Por um olhar artístico – A educação através da dança.

⁵⁸ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.180)

Destaquei anteriormente as principais críticas realizadas por Nietzsche aos estabelecimentos de ensino de sua época – tão atuais para nós – que, em sua proposta mercantilista levam a uma pseudo-cultura. Esses estabelecimentos se preocupavam, ao mesmo tempo, com a total ampliação e redução da verdadeira cultura, em prol da *barbárie* da modernidade, do pensamento e estética jornalísticas, da superficialidade, da valorização exagerada da razão em detrimento dos instintos – das pulsões vitais e criadoras - , do controle do Estado. Na contramão dessas tendências que impedem o avanço da cultura autêntica, é preciso propor caminhos diferentes para os nossos estabelecimentos de ensino da atualidade.

O grande meio indispensável para formação [*Bildung*] dos grandes homens é a 'filosofia' que liga o saber à arte. A cultura, no entanto, não se esgota no trabalho do intelecto, mas se estende à formação do 'olhar' e à faculdade de 'escolher' [...].⁵⁹

Nesse sentido, Nietzsche considera a arte fundamental para a educação. Para ele, arte e filosofia representam as atividades humanas primordiais para se alcançar o essencial da vida.

Este é o pensamento fundamental da *cultura*, na medida em que esta só pode atribuir uma única tarefa a cada um de nós: *incentivar o nascimento do filósofo, do artista e do santo em nós e fora de nós e trabalhar assim para a realização [Vollendung] da natureza*.⁶⁰

Tornar naturais os métodos de educação é uma tarefa árdua para os profissionais que se encontram nos estabelecimentos de ensino. Portanto, uma prática baseada na arte, por exemplo, na dança, conquistará o maior e mais poderoso aliado para transformar o aprendizado cotidiano, “desprendido” das formalidades, significativo em todos os sentidos para a vida humana. Através da arte – conforme a concepção da “metafísica de artista” da primeira fase da filosofia de Nietzsche - se “imita” o processo criador da natureza.

O homem superior, o gênio, analisado por Nietzsche em *Escritos sobre Educação*, representa este educador capaz de se libertar e libertar os discentes,

⁵⁹ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.31).

⁶⁰ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.180).

tornar-se aquilo que se é⁶¹, ser artista de seu próprio tempo; esse homem é alguém em desacordo com seu próprio tempo, que surge do seio daquilo que pode ser considerado a verdadeira cultura e se alimenta da audácia e honestidade de sua própria arte. Assim, a arte apresenta-se como alternativa ao ensino jornalístico e bárbaro da modernidade. Ela auxilia a compreensão e aquisição da autêntica cultura; nada mais autêntico que a obra-prima do gênio na essência de sua arte.

Através da arte se rompe com o poderio do Estado, com a superficialidade do moderno e com as falácias de uma razão abstrata, presente tanto nas ciências tão específicas quanto seus métodos e seguidores. Pela arte compreendemos o que é natural. Com a arte percebemos o mundo e nos percebemos diante de uma contemporaneidade vazia, carente de valores, subalterna ao “ter”, escrava da aparência, a favor da redução/ampliação da verdadeira cultura. É com o verdadeiro sentimento artístico que se atribui significado aos clássicos estudados.

Nietzsche afirma que, em seu tempo, nas Universidades, os indivíduos não estabeleciam contato com a verdadeira filosofia, pois esta havia sido banida. Consequentemente tampouco tinham relação alguma com a arte. Privados de um espírito autêntico, não possuíam um domínio prático de sua própria ação e não enxergavam, nem tratavam o que é vivo, como vivo – o que é natural e instintivo. Havia nessas instituições um adestramento violento e um processo de modelagem do caráter a favor da utilização deles pelo Estado. Os pobres guiados eram, então, facilmente corrompidos.

Criticando essa tendência, Nietzsche apresenta sua concepção de educação através da arte. Trata-se de uma perspectiva que valoriza as pulsões vitais de cada ser, que supre as necessidades do gênio capaz de enfrentar seu próprio tempo, que afirma o lugar natural e essencial da natureza. Na sua proposta educativa, é possível afirmar que a **dança** é uma importante aliada. Agora, focalizarei a arte de dançar como a vertente estética que propõe um caminho através do qual se alcance e reconheça a verdadeira cultura, assim como o autêntico indivíduo superior que é o gênio.

Para Nietzsche, a arte não exclui o instinto, ou desejo, ou a vontade. O essencial dela é doar sentido à existência, gerar perfeição e plenitude. A arte é base

⁶¹ FREZZATTI Jr. *A Filologia de Nietzsche*. (p. 218). De acordo com o filósofo Nietzsche, tornar-se aquilo que se é vem caracterizado por um aumento máximo de potencia dos impulsos vitais humanos.

de novos valores, opondo-se a todas as formas de decadência. Nietzsche compreende a arte pela visão do artista que, inseparável de sua obra, é considerado por ela como o “útero”, o “adubo” da mesma⁶². A arte é um estado de perfeição e afirmação da vida, de engrandecimento do homem. E estar receptivo a ela é reviver esta experiência do criar. A arte – neste ponto podemos indicar a relevância da dança – é vontade de potência; ação afirmativa da força vital.

3.1) Nietzsche e a dança.

Mas é preciso coragem para praticar a desconfiança, descartar os pré-juízos, evitar as convicções. É preciso destemor para abrir mão de antigas concepções, desistir de mundos hipotéticos, libertar-se de esperanças vãs. Enfim, é longo o processo para o espírito tornar-se livre. E não causa surpresa que o espírito livre seja, antes de tudo, um dançarino.⁶³

Na dança se revela o mundo dionisíaco⁶⁴, e é nela que Nietzsche se inspira para expressar sua “selvagem sabedoria”. Na dança, os futuros gênios se formarão, e por meio dela farão mutação no considerado imutável pelos eruditos corrompidos de nossa época.

Este mundo dionisíaco ao qual Nietzsche se refere traduz-se na dança como o mundo do eternamente criar-a-si-próprio e do eternamente destruir-a-si-próprio. E ele tem na dança sua principal aliada em seu combate contra a metafísica – transcendente da realidade⁶⁵ – e contra a religião. Estas duas vertentes, por sua vez tentaram impor aos indivíduos sua crença em um outro mundo, eterno, melhor, mais feliz, pelo qual nossa existência terrena teria sentido. A ele só poderíamos chegar através de atos, valores, vivências, postulados pela religião para serem seguidos durante nossa medíocre estadia no mundo dos vivos. Esse outro mundo, essencial e imutável, ainda exerce poder e tem força sobre o cotidiano da nossa época. A eternidade idealizada pelo cristianismo e pelo judaísmo seria alcançada ao se negar as pulsões e os instintos naturais do homem. Negando a própria vida, o indivíduo alcança, após sua morte, a “verdadeira felicidade” pregada pela religião.

⁶² DIAS. *Assim falou Nietzsche V* (p. 197)

⁶³ MARTON. *Assim falou Nietzsche II* (p.145).

⁶⁴ MARTON. *Assim falou Nietzsche II* (p.

⁶⁵ http://www.astrologosastrologia.com.pt/oculto_dicionario.htm em 27 de outubro de 2009.

Com a dança, vem abaixo toda esta visão de mundo. Percebemos, na dança uma certa dose de ceticismo, saudável ao corpo e ao espírito autêntico do homem. A dança enquanto movimento, põe a balançar a certeza do imutável⁶⁶.

No que diz respeito ao dogma dos estabelecimentos de ensino, os postulados lógico-metafísicos que permeiam a linguagem, com a dança – uma nova linguagem, a linguagem do corpo – não se corre o risco de se petrificar e fixar nas palavras algo já pronto; nela a liberdade de espírito não está em perigo, pois a dança, segundo Nietzsche, segue o fluxo vital. *“Pois o dançarino, afinal, tem os ouvidos nos dedos dos pés.” (Zaratustra).*

A dança traz leveza. Segundo Nietzsche, ela ataca a gravidade dos valores tradicionais, pois combate o peso do ressentimento fomentado pelo cristianismo através da instauração do “bom” – aquele que é pobre, miserável, sofredor – delineando aí a moral do ressentimento. Pois para o cristianismo, a afirmação da vida é um mal em si: tudo que diz respeito à essência do ser, suas pulsões vitais, seus instintos naturais, devem ser negados, reprimidos, em prol do que é imutável (o eterno); e nisso estaria o sentido para o sofrimento do homem – a negação de si como fonte de realização posterior – o ideal ascético⁶⁷ como denomina Nietzsche.

Em Feitosa⁶⁸ (2001), percebemos que o bailarino é o único que realiza uma arte ligada direta e intimamente ao corpo, pois o mesmo é o meio no qual expressa seus aspectos sensoriais, afetivos. Dançar, afirma este autor, *“é a forma mais efetiva de superar a metafísica”*(p.35). O homem é o único ser capaz de executar esta arte, pois se constitui num corpo que pensa. Dança é inteligência. É uma mistura de espontaneidade e elaboração; é sensualidade. Jamais se reduz a movimentos aleatórios, sem propósitos. Estabelece contato e transforma o corpo.

Na ótica de Nietzsche, o mundo encontra-se constituído de forças que agem e reagem umas em relação às outras. E ao dançar se institui o tempo, se constitui o espaço. Deste modo é dançando que se aniquila e constrói, conforme o princípio do mundo dionisiaco.

Dionisiaca é a filosofia que espelha o mundo, que traduz a vida. Deste modo Nietzsche se julgava um filósofo dionisiaco, que enxergava nas artes – aqui é

⁶⁶ Um dos dogmas da religião é pregar a felicidade eterna após a morte, invalidando todo impulso, vontade de potência, do indivíduo em virtude dos valores cristãos dignos de quem merece entrar no “reino eterno”. Cristaliza-se as necessidades vitais e negam-se os instintos, tornando a vida algo previsível, estático.

⁶⁷ MARTON. *Assim falou Nietzsche II* (p.

⁶⁸ FEITOSA. *Assim falou Nietzsche III* (2001, p. 35)

importante enfatizar a dança – o viés de realização do homem moderno e o berço para o surgimento do gênio e para suas criações. No encontro da filosofia e da arte se institui o mundo natural, afirmando e reafirmando em si o que de mais vital se configura como essencial para o indivíduo: a natureza. “E preciso uma filosofia ‘bailante’, capaz de se expressar além dos conceitos, que induz e se reproduz na capacidade criativa de seres superiores.”⁶⁹

E dançando se revelam os movimentos mais humanos, os elementos mais relevantes, os pensamentos mais autênticos, a filosofia mais dionisíaca, a cultura mais verdadeira...

“E aqueles que foram vistos dançando foram julgados insanos por aqueles que não podiam ouvir a música.” (Friedrich Nietzsche)⁷⁰

3.2) A dança clássica.

Perfeição técnica é insuficiente. Ela é uma órfã, sem a verdadeira alma do dançarino.⁷¹

A partir das produções de Nietzsche, podemos considerar a dança como uma alternativa que se afasta do jornalismo e da cultura de barbárie imposta na modernidade.

Nos estabelecimentos de ensino – os da modernidade assim como os da atualidade - petrifica-se a palavra e fixa-se aquilo a que ela se refere – postulados lógico-metafísicos que permeiam a linguagem – e isso se torna um perigo para a liberdade de espírito.

Na dança potencializa-se o desenrolar das emoções, das tensões corporais, isto é, do fluxo vital. Ela carrega em si diferentes perspectivas, pontos de vista, impõe permanente mudança em tudo que existe.

Também, como em qualquer arte, mas principalmente no ballet clássico, disciplina, hábito e obediência são primordiais para atingir a perfeição técnica. Em comparação ao gênio exposto por Nietzsche em seus *Escritos sobre Educação*, na

⁶⁹ FEITOSA. *Assim falou Nietzsche III*. (2001, p.35)

⁷⁰ http://www.pensador.info/autor/Friedrich_Nietzsche/7/ em 27 de outubro de 2009.

⁷¹ <http://www.geocities.com/joanymacaroni/quotes> - Sylvie Guillen, Bailarina francesa - "Technical perfection is insufficient. It is an orphan, without the true soul of the dancer." – Em 27 de outubro de 2009.

dança clássica a prima bailarina surge do seio da técnica do método estudado. É nele que ela encontrará base para se aprimorar. Dele ela se alimentará e nele ela amadurecerá.

O conceito de gênio, sendo analisado pela perspectiva da dança clássica, vai além do primor técnico, assim como na ótica de Nietzsche. O aprofundamento do conhecimento musical, o entusiasmo frente a uma obra-prima do ballet clássico, um caminhar correto da técnica, surge do respeito e temor aos mestres. Pela repetição e hábito se alcançam os objetivos. E assim como a cultura popular, a arte da dança clássica, seus fundamentos, conceitos e concepções, se opõem à barbárie de manifestações fúteis e vazias que se denominam puras e imaculadas. Não estou aqui expondo opiniões pré-formadas, mas sim colocando as minhas observações sobre as tendências que massificam o povo, com informações supérfluas e atrativos mundanos, visando status, ascendência, lucratividade.

Em contrapartida, é possível ver na dança clássica o berço gerador do gênio. Esta arte é uma alternativa do enfraquecimento da universalização da cultura, e proposta de uma cultura verdadeira. Vejamos, por exemplo, as palavras de um criador da dança:

Nós devemos primeiramente compreender que a dança é uma arte independente, não um mero acompanhamento. Eu acredito que ela seja uma das grandes artes...A coisa importante no balé é o movimento por si mesmo. Um balé pode conter uma história, mas o espetáculo visual...é o elemento essencial. O coreógrafo e o bailarino devem lembrar-se que eles devem alcançar a platéia através dos olhos.⁷²

Proporcionar percepção do mundo através da dança, da música que se dança e do contexto no qual a dança se insere, se mostra fecundo e vital ao homem – tão carente de elementos que supram suas necessidades instintivas e cotidianas. Com a dança, o homem experimenta uma atmosfera mais leve, livre da influência do “ter”, onde não se mede um homem pela carreira que segue, onde o “ser corrente” não é convidado a surgir. Ao dançar o bailarino expõe o que de mais autêntico ele tem; seus impulsos externam os seus traços marcantes e seu valor. Na dança, é possível afirmar o autêntico em combate ao fútil e banal.

Como analisado anteriormente, em grande parte de nossos estabelecimentos de ensino atuais a palavra está fixada e mumificada. Impoe-se a ela um único e

⁷² http://pt.wikipedia.org/wiki/George_Balanchine - George Balanchine (1904 – 1983) – Bailarino e coreógrafo.

óbvio significado, excluindo as possibilidades criativas de seu uso contínuo e habitual. Isto impossibilita a busca pela liberdade do ser humano, defendida por Nietzsche em diversos momentos de seus *Escritos sobre Educação*. Sendo assim, com a dança percebemos um caminho no qual a palavra encontra novas possibilidades de se movimentar, de se tornar mutável.

Na dança clássica abandonamos a execução de movimentos vazios:

O dicionário descreve a dança como uma sequência de movimentos corporais executados de maneira ritmada, em geral ao som de música. Poderíamos acrescentar que a dança é um movimento formalizado que envolve uma certa memória dos passos e principalmente um acurado sentido espacial/temporal. O sentido temporal é importante para que não percamos o ritmo, para não tentarmos interiorizar à força a marcação, para relaxar o corpo e se entregar à música [...]. O sentido espacial é fundamental para que não pisemos fora dos limites do tablado [...]. Ora, o interessante desta descrição é que ela não é uma definição em estrito senso, na medida em que não dá conta dos múltiplos elementos que compõem a dança enquanto arte: movimentos do corpo, música, cenário, iluminação, figurino, interpretação, ação, enredo.⁷³

Na arte, não há espaço para filólogos – os eruditos pedantes da modernidade criticados por Nietzsche - nem mistagogos. Ela torna-se assim, uma expressão de cultura autêntica, acima do mundo das necessidades, pois é pelo primor à disciplina que se alcança sua perfeição. Nela o mestre possibilita seus alunos a exprimirem cada vez mais e melhor seus impulsos através do aprimoramento técnico aliado ao uso da emoção cênica durante uma aula ou uma obra. Com o verdadeiro sentimento artístico, o mestre extrai de seu aluno a raiz de seu conhecimento. Abre a ele a via de acesso ao cultivo do gênio, que surgirá na pátria metafísica da arte.

*“Estar receptivo à arte é reviver a experiência do criar. Revive-se esta experiência criando-se uma outra obra de arte [...]”*⁷⁴. No ato de dançar, na dança clássica, o artista se torna um novo personagem a cada momento. Sua técnica e preparo físico se aprimoram, e seu mundo pulsional aflora como um sentimento novo a cada instante, inspirando o público, que o admira e contempla realmente, a deleitar-se em sua obra, exercitando a busca da liberdade de espírito e alimentando o gênio sufocado pela barbárie da modernidade atual.

Na constituição do artista bailarino, podemos observar questões essenciais que também concorrem na formação do filósofo, verdadeiros homens raros. A

⁷³ FEITOSA. *Assim falou Nietzsche III* (2001, p.33)

⁷⁴ DIAS. *Nietzsche e a “filosofia da arte”* (2006, p.202)

honestidade, a serenidade e a constância, reveladas por Nietzsche em suas análises sobre o educador Schopenhauer, aparecem também, ainda que de maneira mais singela, no desenvolvimento do gênio pela dança clássica. Honestidade aqui, não por escrever e falar por si e para si mesmo, mas por dançar, aprimorar sua técnica por si em momentos de movimentos e concepções vazias e massificadoras (respectivamente), sem qualquer fundamentação ou lógica.

Este artista apresenta-se ainda sereno. Tão seriamente gracioso, o bailarino se mantém leve e límpido ainda que tenha executado o mais difíceis dos solos ou pas de deux dos que já foram criados. Não há serenidade sem a vitória. Sua serenidade vem acompanhada pela sua segurança técnica e simplicidade de ações corporais, com coragem, vigor e, até mesmo, com uma certa dureza primitiva, se configura como vencedor, deus triunfante acima de todos os obstáculos que superou, e, mesmo assim, continua belo e brando, pois *“por meio das dificuldades pode-se potencializar os impulsos de um organismo. A dureza com os outros e consigo próprio é o caminho para isso.”*⁷⁵

Por tudo isso se mostra constante. Se move, vive e dança com autenticidade. Sua constância se configura pela sua disciplina, obediência e hábito. O trabalho frequente e qualificado, levado dia após dia, o caracterizam como exemplo de comprometimento e dedicação que não sofre declínio por seu compromisso consigo próprio.

Sua força cresce reta e ligeira como uma chama no ar tranquilo, certa de si, sem tremer, sem inquietude. Em cada uma destas qualidades, ele encontra seu caminho sem que inclusive notemos que ele o tenha procurado; pelo contrário, como movido por uma lei da gravidade, ele aí se lança, firme e ágil, inexorável.⁷⁶

Deste modo, me apropriando das conclusões de Nietzsche sobre o educador Schopenhauer, caracterizo o bailarino clássico como sendo um *filósofo dos palcos*. Para esclarecer esta afirmação, podemos sustentar que a arte clássica em muito se assemelha à filosofia. Até ousar dizer, à filosofia dionisíaca, metamorfoseando-se, na embriaguez de grandes obras, impondo força às vontades de potência mais íntimas do homem que a pratica.

⁷⁵ FREZZATTI. *A Filologia de Nietzsche* (2000, p.194).

⁷⁶ NIETZSCHE, *Escritos sobre Educação* (2003, p. 150)

Portanto, esta alternativa por mim apresentada aqui, embasada nas palavras de Nietzsche e seus “seguidores”, configura-se viável, e ousado falar, urgente como solução à barbárie de nosso tempo. O ensino da dança clássica potencializa as forças mais íntimas e vitais do homem. Nela podemos unir o concreto e o abstrato. Sua dinâmica e perfeição só são possíveis pela dedicação. Obediência é peça motriz. O hábito é condição indispensável ao seu desenvolvimento e aprimoramento. A constância vem quando a união dos já mencionados aspectos se dá de maneira harmoniosa e verdadeira, e o artista se percebe enquanto personagem peralta, multifacetado, legitimado na dinâmica do ato de dançar. Com o ballet clássico consigo enxergar um caminho audaz, porém autêntico, na luta por uma educação plena, que pensa no indivíduo como ser potencializador de seu próprio eu, facilitadora para o cultivo de homens geniais e provedora de uma cultura verdadeira e autêntica.

CONCLUSÃO:

Durante a análise dos *Escritos sobre Educação* de Nietzsche procurei estabelecer uma crítica aos estabelecimentos de ensino de hoje pautados em uma cultura jornalística reproduzindo uma *educação bancária*, apropriando-me aqui do termo cunhado por Paulo Freire. Logo em seguida observei em *Schopenhauer Educador* um modelo “ideal” de educador na visão do filósofo alemão. Com isso, estudando a dança e seus benefícios à formação do ser humano enquanto ser pleno, tracei uma alternativa para esta carência de práticas que visem a formação de homens raros e o desenvolvimento de uma cultura verdadeira.

No primeiro capítulo de minha monografia, expus pontos importantes e necessários para percebermos como a educação está sendo vivenciada em nossas instituições. Questões essenciais, discutidas por Nietzsche em suas Cinco Conferências sobre os estabelecimentos de ensino alemães, se constituem em

obstáculos, na modernidade, para o ensino de uma cultura verdadeira e significativa ao homem moderno. Esta cultura de barbárie, que banaliza, invalida os impulsos vitais do ser humano em virtude da lógica do mercado. Lógica esta que podemos identificar na própria prática educativa. Muitos profissionais nos estabelecimentos de ensino se encontram em situação de comodismo, ou insatisfação, trabalhando, em muitos casos, somente visando o lucro ou status que venham a ganhar, pois assim foram educados - para exercer determinada função em busca da “felicidade” do ter; *“a tendência educativa do ginásio só pode exatamente ser dirigida por essa imensa maioria de mestres que, no fundo, não têm nada a ver com a cultura [...]”*⁷⁷. Estes mesmos profissionais se deparam com indivíduos perdidos, confusos em meio ao que “são” e ao que “têm” (ou “não são” e “não têm”), esperançosos de encontrar nas escolas e universidades, mestres que lhes mostrem um caminho baseado na contemplação da natureza, na valorização dos costumes populares, no estudo de clássicos repletos de significados, em práticas que potencializem as vontades do ser em “ser” humano na sua plenitude e unidade. *“E, assim como os grandes guias têm necessidade de homens para conduzir, também aqueles que devem ser conduzidos têm necessidade de guias: à propósito disso, na ordem do espírito, reina uma predisposição mútua [...]”*⁷⁸

Assim, vejo que, ainda hoje, a cultura autêntica não encontrou possibilidades de se desenvolver, impossibilitando então a formação do gênio que saciará esta carência da natureza.

Pois uma verdadeira ‘cultura clássica’ é algo tão extraordinariamente difícil e raro e demanda dons tão complexos, que não é permitido, senão por ingenuidade ou por insolência, apresentá-la como um objetivo acessível ao ginásio. [...] Quem atribuiu como objetivo do ginásio a ‘cultura que forma a ciência’, este sacrifica por isso a ‘cultura clássica’ e também o que se chama ‘cultura formal’, e, de uma maneira geral, todos os objetivos do ginásio que têm relação com a cultura: pois o homem de ciência e o homem culto pertencem a duas esferas diferentes que, às vezes, têm *num* indivíduo um ponto de contato, mas que jamais chegam a coincidir.⁷⁹

A partir daí, ao ler os escritos de Nietzsche sobre Schopenhauer, compreendi o que vem a ser um educador que potencializa e oportuniza o surgimento do gênio.

⁷⁷ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.91)

⁷⁸ NIETZSCHE, *Escritos sobre Educação* (2003, p.135). Na ordem do espírito, na harmonia das coisas verdadeiras, há uma tendência natural preestabelecida de encontro entre guias e os homens a serem conduzidos.

⁷⁹ NIETZSCHE. *Escritos sobre Educação* (2003, p.75)

Este educador, honesto, sereno e constante, prima pela disciplina e dedicação de seus discípulos. Para ele, a obediência e o hábito favorecem o espírito criador a se alimentar de idéias que são cultivadas com o estudo e o trabalho árduo.

Nossos estabelecimentos de ensino sentem falta de indivíduos raros assim. O modelo de Schopenhauer se constitui de um sujeito que pauta sua vivência e suas atitudes numa cultura autêntica, longe de ser ampliada em toda sua extensão (vazia, superficial) ou até mesmo reduzida a um mero conjunto de elementos (banalizada), uma cultura que não se permite massificar. Para mim, um sujeito que valoriza a cognição, tanto pelo estudo quanto pela concretização dos atos humanos em atividades que são, na maioria dos casos, consideradas primitivas (como trabalhos manuais, por exemplo), marginalizadas e sem valor laboral, esse sim é um homem raro capaz de trilhar caminhos para o alcance de uma cultura verdadeira.

E por que não afirmar que este sujeito pode ser um artista! Especificando ainda mais: um artista bailarino. Então, a partir das análises apresentadas, pude concluir que o bailarino, ou o mestre de ballet clássico, apresenta características muito apreciadas por Nietzsche em seus escritos. Este profissional executa sua arte pura e simplesmente por amá-la. Um ballet só é bem dançado, um passo só é bem executado, um exercício só é bem compreendido e ensinado, quando o bailarino se dedica e prima por sua disciplina. Alcançar a perfeição técnica e o conhecimento profundo, concreto, de sua arte, faz deste um sujeito pleno. Ao realizar-se num palco, potencializa ainda mais suas vontades mais vitais e, através de sua arte consegue conhecer e reconhecer o mundo como um todo. Não compacta a vivência humana, nem atribui as suas atitudes e valores de vida um valor de mercado. O bailarino está preocupado em ser o responsável por sua existência.

Percebo que uma educação baseada na arte de uma maneira geral, mas principalmente, pela dinâmica da dança clássica, impõe mais significado nas descobertas que o homem faz durante sua vida. Educar através da dança é propor movimento à vida. Dançar é falar com o corpo, é expressar-se por uma via concreta, é interagir afetivamente consigo e com o outro, é exercitar um conhecimento, é perceber seus sentidos e sentimentos, é manifestar desejos, é lutar, é comer. É respirar, é aprender, é ensinar, é vital. Dançar é educar a partir do próprio ser humano, deixando de lado o massacre dos livros e a cegueira da especialização, da erudição.

Meu objetivo aqui, ao traçar esta análise, foi lançar um desafio, jogar uma semente, à nossa realidade. Sabemos e percebemos que a cada dia mais e mais estabelecimentos que validam o discurso jornalista e formam eruditos surgem, porém cabe a nós encontrarmos as alternativas necessárias ao enfraquecimento desta dinâmica que obedece a lógica capitalista. O caminho das artes se constitui em uma trilha repleta de obras a serem contempladas, pois disso, eu sei, que o homem necessita e tem falta.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Escritos sobre Educação / tradução, apresentação e notas de Noéli Correia de Melo Sobrinho – Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2003. 3ª Edição.
2. MARTON, Scarlett. Só acreditaria num deus que soubesse dançar. In: FEITOSA, Charles; BARRENECHEA, Miguel Angel. Assim falou Nietzsche II – Memória, Tragédia e Cultura. Rio de Janeiro: RELUME DUMARA, 2000.
3. FEITOSA, Charles. Por que a filosofia esqueceu da dança? In: BARRENECHEA, Miguel Angel; CASANOVA, Marco Antônio; DIAS, Rosa; FEITOSA, Charles (organizadores). Assim falou Nietzsche III – Para uma Filosofia do Futuro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001. 1ª Edição.
4. CAVALCANTI, Anna Hartmann. Arte como experiência: a tragédia antiga segundo a interpretação de Nietzsche. In: BARRENECHEA, Miguel Angel; FEITOSA, Charles; PINHEIRO, Paulo (organizadores). Assim falou Nietzsche V – Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj; UNIRIO; Brasília, DF: Capes, 2006. 1ª Edição.

5. DIAS, Rosa. Nietzsche e a “filosofia da arte”. In: BARRENECHEA, Miguel Angel; FEITOSA, Charles; PINHEIRO, Paulo (organizadores). Assim falou Nietzsche V – Nietzsche e os gregos: arte, memória e educação. Rio de Janeiro: DP&A: Faperj; UNIRIO; Brasília, DF: Capes, 2006. 1ª Edição.
6. FREZZATTI Jr, Wilson Antônio. A educação (Erziehung) na filosofia madura de Nietzsche ou a senda solitária: um processo seletivo para “tornar-se o que se é”. In: A Filosofia de Nietzsche. 2006.
7. http://pt.wikipedia.org/wiki/George_Balanchine
8. http://www.pensador.info/autor/Friedrich_Nietzsche/7/
9. <http://www.geocities.com/joanymacaroni/quotes>
10. http://www.astrologosastrologia.com.pt/oculto_dicionario.htm
11. <http://www.priberam.pt/DLPO/default.aspx?pal=mistagogo>.